Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR
Anno ou 52 numeros ..... 2$500 réis
Semestre ou 26 numeros ..... 1$300 »
Trimestre ou 13 » ..... 700 »
Avulso ..... 60 »

ANNO I—18 DE DEZEMBRO DE 1881—N.º 44

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA
BRAZIL
Anno ou 52 numeros ..... 7$000 réis
Semestre ou 26 numeros ..... 4$000 »
Trimestre ou 13 » ..... 2$000 »
Avulso ..... 200 »

SUMMARIO

GRAVURAS:— O pastor hungaro; A justiça de Balduino do cotello; Um sol poente; Um homem que espirra.
TEXTO:— Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; Domingo historico, por A. O.; O Carrilhos, por Marianno Pina; Sciencia popularisada; Horas d'ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

ACTUALIDADES

O acontecimento da semana—pondo de parte um caso burlesco de que jurei a mim proprio não fallar—, é a abertura d'uma pequenina exposição de proverbial indifferentismo, reunir seus trabalhos mais recentes e suspirados no moderno ideal artistico e expol-os á apreciação do publico. São 73 as telas expostas. Comprehende-se bem que não é a descripção d'ellas todas que nos propomos fazer quadro a *Charneca de Bellas* é um admiravel estudo, cheio de energia, de vigor e de talento. Esta paisagem, de respiração amplissima, de largo horisonte e de magnifica luz, já figurou na exposição de Bellas Artes que se realisou ha dois annos. Este artis-

O PASTOR HUNGARO.

quadros na sala da Sociedade de Geographia. Esta exposição é, bem entendido, de iniciativa puramente particular. Um grupo de dignos e brilhantes rapazes que actualmente representam as mais puras esperanças da arte portugueza contemporanea, resolveu por um movimento de energia desusada no nosso n'esta rapida revista, que não tomem pois como desconsideração, aquelles que forem excluidos, o que não é mais do que a estreita exigencia de espaço e de tempo.

Os quadros de Silva Porto são os que immediatamente reclamam a attenção do espectador. O seu ta notabilissimo, que é ao mesmo tempo um trabalhador incansavel, expõe nada menos de vinte telas de todas as dimensões; e em todas o seu bello estylo, a sua sobriedade de colorido, o seu esmero de detalhe, todas as qualidades emfim que lhe asseguram o primeiro logar entre as paisagens portuguezas

contemporaneas, se revelam generosamente em todos os seus quadros.

É preciso não esquecer uma deliciosa cabeça de creança, cujo modelo foi o mesmo que serviu para o outro notavel quadro do distincto professor—*A bilha quebrada*. Escapa á descripção a intensidade de vida, de frescura que esplende n'aquelle rostosinho infantil. Ganha-se bem um quarto de hora a fital-o exclusivamente.

Na minha curta e rapida visita á exposição, em que mal pude fixar na memoria as impressões que recebi lá, tive o prazer de conhecer um dos mais sympathicos e promettedores artistas da recente camada, o sr. J. Malhoa, rapaz de 23 ou 24 annos, robusto, bella cabeça, intelligente, testa larga e barba loira talhada á Capoul. Exprime-se com elegancia e desembaraço, e fez-me com uma delicadeza a que lhe estou reconhecido as honras da sua exposição particular da qual se destaca naturalmente a vasta e vigorosa tela—*A ceara invadida*, que o distincto artista enviára á exposição de Madrid, onde fôra notada com elogio. A luz que havia então na sala não a favorecia extraordinariamente, mas ainda assim o effeito era poderoso, de toda a energia da verdade. Um grande numero de detalhes acha-se tratado n'esta bella composição com um tal esmero que, ao perto mesmo, a illusão mantem-se, a perspectiva admiravelmente tomada, permitte ao espectador lançar o olhar por uma estensão vastissima. Ao longe uma linha de montanhas recorta-se caprichosamente no horisonte. O céu carregado de nuvens cinzentas verte uma luz baça sobre a campina. No primeiro plano fortemente *pousado* sobre o solo, um grupo de novilhos faz d'uma ceara de milho um banquete formidavel.

O *Brejo* recommenda-se pelas mesmas qualidades de vigor e de estylo. Ha um cannavial admiravelmente pintado. Na agua transparente um saveiro mergulha uma das pontas do seu crescente pittoresco. Todo o quadro respira uma serenidade respectiva e doce e dá uma sensação completa de silencio e de quietação outonal.

O Pateo dos Gatos é um trabalho magnifico, em que se revelam optimas qualidades de observação naturalista. È um triste e miseravel sitio de Alfama, grandes lages comidas do sol, farrapos a enxugar, gaiolas de canna tristemente suspensas da parede, e um ar gelado de tristeza e de immundicie Uma mulher andrajosa desce pela escada que conduz a esse local sinistro. Este quadro é a meu ver um dos melhores de trabalho e de toda a exposição.

Não posso resistir ao desejo de contar uma anecdota deliciosa que me contou o auctor da *Ceara invadida* e que deve ficar na sua memoria como um dos mais comicos detalhes da sua vida artistica.

— Não pode imaginar, disse-me elle, como nos é difficil encontrarmos modelos n'este paiz. E olhe que pagamos bem. Depois o trabalho espantoso que ha em convencer os modelos femininos e que se prestem a estudo. Primeiro é forçoso começar pela cabeça. Depois fazer-lhes um discurso para que se decotem. Depois. . um novo discurso para cada reducção na *toilette* e afinal para se obter o modelo completo é necessario um dispendio enorme de tempo e de dinheiro.

— Mas o melhor, prosegue elle, é o trabalho que ha para se arranjarem modelos de animaes. Uma vez precisei de pintar uma nora. Entendi-me com o proprietario que mediante uma cer a esportula me permittiu que eu copiasse a nora. Mediante novo ajuste, o filho do lavrador tambem *posou* alguns dias. Afinal precisei de pintar o burro que puxava á nora. Quando se tratou do burro, o homem pediu tempo para pensar.

No dia seguinte, appareceu-me a coçar na cabeça e assim com um ar contrariado.

— Eu bem sei que o sr. não lhe faz mal, disse-me elle. Mas eu estive a conversar com minha mulher, e pelo sim pelo não, pode acontecer alguma coisa ao burro e o melhor é depois não andarmos com questões.

O curioso da historia é que o patife deixára o filho correr aquelle risco terrivel. Mas lá o burro, esse mais devagar.

Ramalho expõe tambem algumas telas reveladoras d'um progresso extraordidario, notavelmente a *Praia do Alfeite*, o *Pomar do Antelmo*, *caminho na quinta do Alfeite*, estudo d'uma observação vigorosa e d'uma notavel execução e firmeza. O seu quadro o *Bacharel* é além d'um estudo magnifico, uma alta obra de philosophia e critica diante da qual deve meditar longamente, com a fronte apoiada ás mãos, uma grande porção de filhos da Universidade.

O sr. H. Pinto, revela-se em 7 ou 8 telas, um desenhista distincto e um colorista um pouco vehemente mas vigoroso.

Não tenho as menores pretensões a critico de pintura, e o que ahi fica escripto não representa mais do que um conjuncto de impressões pessoaes lançadas ao acaso e tomadas um pouco precipitadamente. Como n'essa curta visita, e minha attenção foi sollicitada logo para o que havia de melhor e de superior, não tive tempo de reparar no que lá possa haver de inferior e de mediocre. Não faltará quem se encarregue d'esse exame ainda com mais prazer do que do primeiro.

Não quero concluir esta chronica sem me referir ao elegantissimo catalogo illustrado, que o sr. Alberto d'Oliveira, um intelligente amador e um sympathico rapaz, publicou a expensas suas, e que contem 24 reproducções fac-simile dos desenhos originaes dos artistas, por meio de gravura chimica.

É a primeira vez que se tem em Portugal o arrojo de publicar um catalogo illustrado de obras de arte, e o sr. Alberto d'Oliveira é digno de todo o elogio pelo que no seu commettimento ha de energia, de coragem e bom gosto.

IRIEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PASTOR HUNGARO — Typo profundamente militar, não é verdade? Sente-se bem que pertence a essa raça de pastores bellicosos, que no oriente da Europa guardam mais as fronteiras da patria de que os rebanhos dos patrões. Um viajante, que percorreu a Hungria, descreve um pastor hungaro da seguinte fórma:

«O camponez hungaro é o lazzarone do deserto. Acceita a vida, como a Providencia lh'a deu, sem pensar em lhe misturar as combinações da sua impotente intelligencia: prosegue na sua carreira no sitio em que o acaso lh'a fez principiar; dorme onde o somno o surprehende, no meio de uma planicie, debaixo de um telheiro, debaixo de um carro, á beira de uma estrada, ao vento, á chuva, a um sol de trinta graus. Submette-se ao trabalho por indolencia como a uma necessidade; dissipa-lhe o salario no seu calculo do dia seguinte; a fome é a sua reserva, a privação o seu recurso. O futuro seria para elle uma felicidade e uma esperança; não pensa no futuro. A planta dos seus desertos espera para florir ou para seccar que o céu lhe conceda ou lhe recuse chuva; elle faz o mesmo. Das penas da vida, de que lhe coube tão largo e tão pesado quinhão, tira o cuidado, e caminha com o resto sem reflectir no meio de lhe alliviar o peso.

«Se alguem receia desilludir-se dos sonhos da vida pastoril e dos costumes do estado primitivo da sociedade, não visite, por caso algum, certos recantos, mais ou menos desertos, da Hungria. Esses costumes existem alli na sua rudeza original; e acompanha-os tudo o que póde inspirar a mais viva repugnancia por esses costumes.

«Vão lá collocar uma scena de idyllio no meio d'essas planicies sem arvores; vão lá escolher um Tircis entre esses pastores de longa cabelleira luzente com a banha que escorre e se fixa na unica veste que usam; procurem uma Chloris no meio d'essas desgraciosas creaturas empestadas com o cheiro dos curraes e deformadas pelo excesso do trabalho e pela negligencia; e digam-me se são capazes de encontrar alli assumpto para uma egloga.»

È difficil de contentar o nosso viajante. Se quer á viva força encontrar Menalcas e Dametas, parece-nos que percorrerá em vão as mais risonhas campinas da Italia. Nós porém ficariamos muito desagradados se se nos deparasse em pleno campo um d'esses insulsos namorados das eglogas; mas o nosso gosto artistico ficaria satisfeitissimo encontrando um typo tão energico e tão varonil como esse pastor hungaro que serviu de modelo ao bello quadro do sr. Dell'Acqua, de que a nossa gravura é copia.

A JUSTIÇA DE BALDUINO DO CUTELLO — Este Balduino do Cutello, ou Balduino VII, conde de Flandres, que principiou a governar o seu condado em 1110 e que morreu em 1119, é uma physionomia muito semelhante á do nosso rei D. Pedro I. Como elle, percorria Balduino os seus estados, fazendo justiça rigorosa e muitas vezes cruel; como D. Pedro andava sempre de latego, assim Balduino andava sempre de *cutello*, e se D. Pedro I não fazia o mesmo era simplesmente porque no seculo XIV já não era permittido a um soberano fazer-se algoz dos seus subditos. O pobre D. Pedro I nem ao menos pôde açoitar á sua vontade o bispo do Porto, D. Egidio, que logo lh'o vieram tirar das mãos, quanto mais se se lembrasse de lhe cortar a cabeça!...

Contemos a scena que é curiosa e que tem evidentemente grandes parecenças com a scena que a nossa gravura representa.

Soube D. Pedro que o bispo do Porto tinha relações adulteras com uma mulher casada, cujo marido se não conformava facilmente com a honra que o prelado lhe fazia. D. Pedro, que tinha contas antigas que ajustar com o digno sacerdote, foi de passeio até ao Porto. Subiu as escadas do paço episcopal, e declarou ao bispo que tinha coisas graves que lhe dizer muito em particular, e, para que o segredo não corresse perigo de ser violado, encarregou o seu escrivão da puridade, Gonçalo Vasques de Gros, de affastar todos os criados do bispo, e de se conservar de guarda á porta. Depois de tomadas estas precauções fechou-se n'uma sala com o bispo, que principiou a achar estravagante a scena. Mais estravagante lhe pareceu ainda quando viu o rei despir-se até ficar trajando umas roupas escarlates, que lhe davam extraordinarias parecenças com um diabo de magica. O bispo não conhecia peças magicas, e com o diabo tinha elle havia muito tempo as mais cordeaes relações, mas de D. Pedro começava a ter medo. O soberano, já de má catadura, ordenou-lhe que se despisse tambem. Protestou o prelado, mas o rei era espadaúdo e sustentava os direitos do po-

der temporal com dois pulsos de primeira ordem. O bispo portanto obedeceu e começou a despir-se. Quando lhe pareceu que já havia costas prelaticias a geito, D. Pedro I foi buscar um chicote que trouxera escondido, e deu-lhe, deu-lhe, até que o escrivão da puridade, ouvindo a berraria do bispo, arrombou a porta, e disse a D. Pedro que aquillo não eram termos de liquidar as questões judiciaes. Effectivamente o pobre do bispo nem ao menos podia gritar: Aqui d'el-rei!

A scena que a nossa gravura representa, é uma scena que tem com esta umas vagas semelhanças. Evidentemente ha uma joven plebêa que foi ultrajada e um pae que pede justiça, um nobre carrancudo, que julga que tudo lhe é permittido, e o conde de Flandres que se prepara para fazer justiça summaria, e muito mais terrivel do que a de D. Pedro I.

Um sol poente — Uma scena interessante. As pequenitas voltam para casa, ao pôr do sol, n'essa hora indecisa em que apparecem os lobis-homens. Sentem atraz de si a corrida d'um animal qualquer. Céus! É o lobis-homem, e afflictas e aterradas, as duas pequenas, chegando-se bem uma á outra, fogem a bom fugir caminho de casa. Nem se atrevem a olhar em torno de si, quando de repente chega ao auge o seu terror. O animal que as persegue vem cair-lhes aos pés. Vão ser devoradas de certo. Afinal, no meio do desvairamento do seu espirito, sentem que aquelle latir lhes não é desconhecido, quando reconhecem que é simplesmente Fiel, o cão da casa, que vem recebel-as e festejal-as.

O homem que espirra — É delicioso o quadro, póde-se dizer mesmo uma verdadeira obra prima, e o auctor, se não tivesse a infelicidade de pertencer a um pequeno paiz, teria já hoje uma celebridade europêa, porque é o mesmo Eérelmann, cujo talento os leitores já admiraram.

Como é verdadeira a expressão d'essa physionomia repuxada pela explosão do espirro! Esta tela deve figurar para o futuro ao lado de algumas d'essas telas immortaes de Velasquez e de Rembrandt, designadas por algum nome como este que deverá servir para designar no futuro a tela admiravel de Eérelmann o *Homem do espirro*. Nunca effectivamente foi assim surprehendida em flagrante a natureza, o que é tanto mais extraordinario quanto não era facil apanhar um modelo para este quadro. Póde-se dizer a um modelo que se colloque n'esta ou n'aquella attitude, mas dizer-se-lhe que espirre é um poucochinho mais difficil. Ainda se lhe póde impingir uma pitada que dê em resultado o ambicionado espirro, mas a explosão é por tal fórma instantanea que não ha meio de apanhar assim de relance a physionomia do modelo. A propria photographia não seria capaz de o conseguir.

Em todo o caso Eérelmann, ou conseguiu um modelo de «espirro permanente», ou pintou de memoria, mas o que é certo é que nos apresentou uma physionomia deliciosa.

O DOMINGO HISTORICO

18 de dezembro de 1858 — Morte do 1.º barão de Chancelleiros

Manuel Antonio de Carvalho, illustre estadista portuguez de cuja vida daremos uma breve noticia n'este artigo, nasceu a 31 de maio de 1785 no logar de Carvalhães do termo de Mirandella. Frequentando o curso de direito na universidade de Coimbra, serviu no batalhão academico durante a guerra peninsular e depois de terminados os estudos foi despachado juiz de fóra de Villa do Conde, onde grangeou tanto a estima e sympathia d'aquella boa gente que ainda hoje se mostra como um logar venerando a casa em que residiu o antigo magistrado.

Eleito deputado ao congresso de 1821 foi escolhido para fazer parte da regencia que as côrtes tencionavam mandar para o Brasil, mas a capitulação da Bahia veio mudar a face á questão brazileira e Manuel Antonio de Carvalho não chegou a partir.

Outorgada por D. Pedro a Carta e tratando-se de formar um ministerio constitucional, recebeu o futuro barão de Chancelleiros a pasta da fazenda, e n'essas circumstancias melindrosas e difficeis, desempenhou com extrema habilidade as funcções do elevado cargo que lhe fora confiado e foi elle o primeiro ministro da fazenda que apresentou ás côrtes um orçamento geral do estado, sendo esse um documento de grande valor para a nossa historia financeira e um trabalho de subido merecimento, que honra sobremaneira o estadista que o firmou.

Estabelecido definitivamente o systema constitucional no nosso paiz ainda mais duas vezes voltou Manoel Antonio de Carvalho aos conselhos da corôa, como ministro da justiça em 1835, e como ministro da fazenda em 1838; e sendo eleito para o congresso constituinte de 1836 e para as legislaturas subsequentes, foi agraciado com o titulo de barão em 1840, elevado ao pariato, e por differentes cartas regias nomeado para presidir á camara alta na falta do presidente e do vice-presidente.

A. O.

O CARLINHOS

Fazia um calor diabolico. Não se podia parar na cidade. Os jornaes annunciavam todos os dias que se temiam muito as epidemias, alguns typhos, algumas malignas; e as folhas mais graves pediam respeitosamente á camara, á «illustrada e circumspecta camara, a primeira do paiz pelas suas tradições e riquezas» que resolvesse quanto antes a «momentosa questão» do saneamento da capital. Recebava-se muito do bairro da Lapa. O delegado de saude andava sempre occupado em vistorias. Só de lá não fugiam os infelizes que tinham obrigação restricta de se conservar em Lisboa. O Meyrelles era um dos martyres. Coitado! Não havia ainda oito dias que elle arranjára uma carta do Conselheiro, o da Relação, para o Fontes. Mas qual Fontes nem qual diabo! Não se davam licenças a ninguem, fosse lá quem fosse.

— «Nem ao mais pintado!» exclamava o Meyrelles, escorvando as ventas de rapé. «E dizerem que é uma reinação a vida de empregado publico.... Que venham cá para dentro os que fallam d'esse modo, que sempre quero ouvir o que dizem passados os primeiros mezes. E que me dizes a isto Violanta?...»

D. Violanta n'este momento baixava com resignação as palpebras encarquilhadas e molles e arrespirava um suspiro lamentoso e triste. Era doloroso ver D. Violanta assim; pois não era?...

— «...Que me dizes a isto?» proseguia Meyrelles espalmando em cima da meza o *Popular*. «Nem sequer a miseria de oito dias de licença!» E estendendo a mão direita em attitude ameaçadora de quem lavra uma sentença de morte: «Ah!... senhores regeneradores... senhores regeneradores! Tende cautella... muita cautella!... não vos estale a pellle ao bumbo com tanto que lhe tendes batido!...» E punha-se a ler o *Popular*, cheio de sorrisos discretos de creatura que espera a hora da sua vingança....

N'esse dia o calor estava mais insupportavel. D. Violanta tinha fechado as portas de dentro das janellas. Na sala morria-se asphixiado. O sol faiscava ardente nas vidraças. Zumbidos de moscas enchiam toda a casa d'uma somnolencia pesada, e tudo era silencio como se as cousas tivessem sido destruidas e suffocadas por uma chuva de fogo. O Meyrelles pegou no chapeu de sol, para sair. D. Violanta aconselhou:

— «Vae sempre do lado da sombra... e mette-te no primeiro americano que passar. A tua saude primeiro que tudo, filho. O que uma pessoa atura, para não morrer de fome!»

— «Não digas isso, menina! Que até me mettes agoiro!»

— «Pois sim, sim. Não passes tu pela travessa, ouviste? Toma sentido. D'ali, ainda um dia sae epidemia grande, verás.»

Ouviram-se passos na escada.

— «É o correio.»

— «Carta da Luiza, provavelmente... Ó Maria, vá abrir a porta... Que demora!... Onde terá aquella lesma os ouvidos?...» interrogava D. Violanta.

A carta não era de Luiza, não trazia o carimbo de Collares. Vinha marcada das Caldas. Era do Jorge, o irmão do Meyrelles. Abriram-n'a com curiosidade.

«Meu irmão

«D'aqui a tres dias deve-te bater á porta o Carli«nhos que resolve ir a Lisboa. Pancadas de rapaz «educado á redea solta. Hei de te escrever mais lar«gamente. Por hoje previno-te apenas, na certeza de «que o has de receber como elle merece.....»

— «Olha é o Carlinhos que vem a Lisboa, e pela primeira vez. Não ha de sair da nossa casa para nenhum hotel... para lhe tirarem os olhos da cara. Que elle tem bastante para gastar... Mas não consentimos, não é assim Meyrelles?»

— «Não, menina, não.»

— «E a Luiza que não está agora em Lisboa. Que pena não ver o Carlinhos! E olha que ainda brincaram juntos no labyrintho e na matta, quando ainda viviamos nas Caldas... Ha que annos que isso já lá vae...»

— «Pois sim. Deixemo-nos de considerações. Até logo. Vae tu escolhendo o quarto para o pequeno... pequeno?... Ora espera... Se me não engano tem... tem... tem os seus vinte e dois já feitos. Elle nasceu antes do casamento do rei... Deve ter vinte e dois. Bem, até logo.»

D. Violanta acompanhou-o até á escada, em caracol. Na ultima volta em que devia desapparecer o Meyrelles a boa da velha inclinou-se um pouco mais para fóra, fallando alto:

— «Até logo. Olha não apanhes sol... E não vás pela travessa...

— «Sim... adeus...»

E as passadas miudas do velho perderam-se até á rua...

* * *

D. Violanta foi de novo ler a carta do cunhado. Evidentemente era o Carlinhos, o orphão do Morgado que vinha a Lisboa.

Não havia que hesitar. O rapaz não havia de ir para nenhum hotel. Seria mesmo muito exquisito, muito indelicado... D. Violanta não cabia em si de contente. Que pena, não estar a Luiza em Lisboa, ter ido para Collares. Mas nada. O melhor era vol-

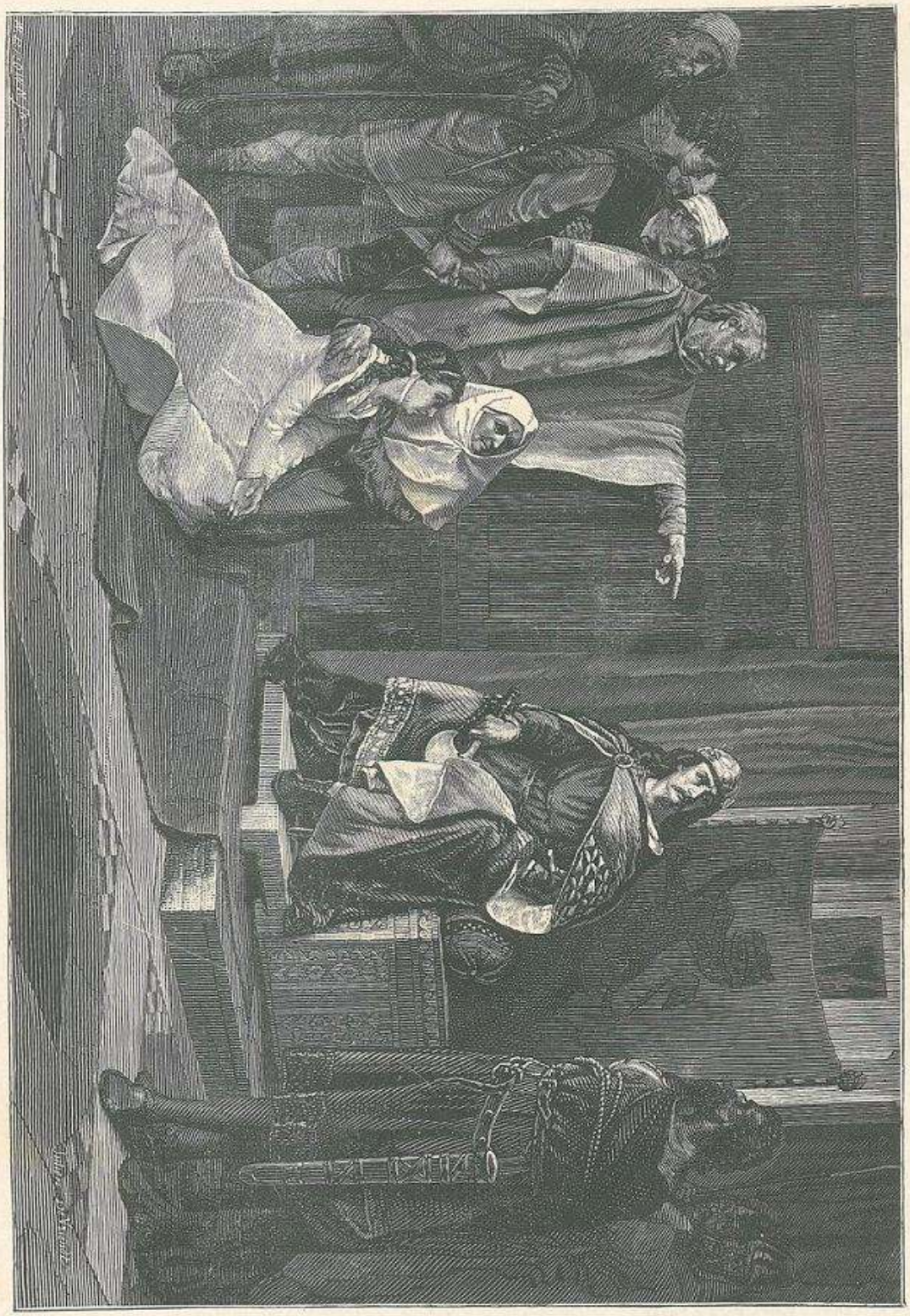
tar. Raparigas não era bom tel-as fóra da vista. Nada! nada! pensava D. Violanta, volta para Lisboa. Demais o Carlinhos precisa ser tratado com todas as attenções. Tem de se lhe mostrar os passeios; ha de ir ao museu do Carmo, que ha lá cousas lindas para se ver; havemos de o levar ás Bellas Artes, se abrir algum domingo; e na primeira quinta feira que elle passar aqui, em sendo duas horas, é ferrar com elle na «historia natural» na escola *polité*... *politénica*... ou *politécnia*!...

—«Maldito nome! que nunca fui capaz de acertar com elle! Era o que faltava, não estar cá a Luiza para o acompanhar em tudo isto. O Meyrelles, esse tem de ir para a repartição e aqui estava eu sósinha, sem poder deixar o arranjo da casa, e o pobre rapaz sem ter quem o acompanhasse, a aborrecer-se de Lisboa, e a desejar quanto antes fugir para as Caldas. Nada, a Luiza tem de voltar. Escreve-se hoje mesmo pelo correio. Que volte ámanhã, sem falta alguma; faça as suas desculpas ás Fonsecas, mas é inteiramente impossivel estar em Collares mais um dia que seja...»

D. Violanta passou o dia a preparar o melhor quarto, toda satisfeita e orgulhosa da sua visita, a quem ella queria obsequiar o mais que pudesse.

O Carlinhos! que até andou com elle ao colo! E demais é um dos rapazes ricos ali das Caldas. Não tem para menos de quarenta contos. Orphão de pae e mãe, que se saiba não está para casar, nem tem namoro...

Esta ideia accendeu vivamente o olhar de D. Violanta. Para mais de quarenta contos! Aqui estava um casamento que convinha á Luiza! Estes sim, estes é que são bons casamentos! Não é como o *outro*, uma lfinete de manta, todo de denguices, com trinta mil réis de ordenado, bigode e mosca, e trazendo esporas sem ter cavallo... Não lhe estava agradando muito o tal namoro, não! Um bom partido, o Carlinhos! Este sim! Um rapaz que deve ser uma flor, com uma boa fortuna... A Luiza não é feia: um typo franzino de *trottoir*, de cintura estreita, perfil miudo e repenicado, olhar macio e doce, uma certa



A JUSTIÇA DE BALDUINO DO GUTELLO.

expressão romantica de quem sente tristezas tocando walsas dolentes, de nomes vagos e chorosos, que adormecem os nervos como n'uma embriaguez suave e desconhecida...

— «Nada; a Luiza vem ámanhã mesmo de Collares!»

E d'ahi, quem sabe? Ás vezes quando menos se esperam as cousas é que ellas apparecem.

— «Que pena não estar aberto S. Carlos para o levarmos lá uma noite. Como elle havia de gostar! Se o Carlinhos ainda vinha a ser o senhor meu genro!»

* * *

Em casa do Meyrelles estava tudo preparado para receber o Carlinhos. Devia chegar na manhã seguinte, no comboyo das cinco e trinta e cinco. D. Violanta tinha mudado a sua cama de casados para o compartimento grande do sotão que a Maria tinha esfregado n'aquelle dia. E o seu quarto destinou-o luxuosamente para o seu hospede. Recommendára á criada todas as considerações para com o «senhor Carlos.» ella preparou tudo para o Carlinhos! Como se se tratasse d'um noivado...

Luiza estava pouco satisfeita, de resto. A alegria da mamã não a animava; achava imbecil a sua rapida saida de Collares por causa do tal Carlos, quando na varzea tudo exhalava poesia, desde os *alfayates*, nadando na agua estagnada, até ás rãs que coaxam por entre os salgueiros que vecejam! Áquellas horas estaria o do bigode e mosca tocando violão nas quintas palpitantes de luar... E ella em Lisboa, sujeita aos caprichos da mamã, por causa d'um bru-

UM SOL POENTE.

D. Violanta rejubilava! Tambem não era nenhuma cousa extraordinaria. Uma fortuna que vinha dos céus para a Luiza...

— «E tambem não é só pela fortuna...» considerava a matrona querendo affastar de si pensamentos interesseiros. «Tambem é um bello rapaz, um rapaz muito serio, de excellentes qualidades. Meu cunhado, que é o tutor, até se espanta com o que elle gasta, por que é pouquissimo... Deixa-me ir escrever já a Luiza...»

— «... Pela manhã cedo vá-lhe engraxar os botins; escove-lhe todo o fato; lave-lhe toda a roupa enxovalhada...» ensinava D. Violanta que andára arranjando o quarto.

Fôra ella mesma buscar ao seu banho a melhor toalha de mãos; comprou pentes novos; escovas para unhas e para cabeça; um frasquinho d'agua de colonia, «da melhor» que tinha o *Chimico* da rua da Trindade; e um sabonete n'um barbeiro ao Chiado que lhe custou quatorze vintens! Com que satisfação ta-montes desconhecido que nunca veio á capital!

— «Nem tu calculas a fortuna que terias se cazasses com elle...» E voltando-se para o Meyrelles, bocejando n'uma larga *voltaire*: «Tens o carro alugado para ámanhã ás cinco horas?»

— «Tenho.» E abrindo muito a bocca, adormeceu...

* * *

D. Violanta, (*á entrada da porta de braços aber-*

tos). — Olha quem elle é, o Carlinhos! Como está alto, e perfeito!... Uma flor... Luiza! o sr. Carlos!

CARLOS, (*respeitosamente*). — Minha senhora, tenho immensa honra em a conhecer.

MEYRELLES, (*afflicto*). — Mas deixem-nos entrar, pelo amor de Deus!... E agora nada de demoras com conversas, que o nosso sympathico hospede tem de se reconciliar com o somno! Uma noite perdida não se paga com tres bem dormidas!

D. VIOLANTA, (*com amor maternal*). —Já está o almocinho á sua espera. Mas primeiro que tudo uma gemada de café, com o seu golo de vinhinho do Porto, depois deita-se, e almoça para mais tarde. (*N'um canto da sala, áparte com Luiza*) Ora vê como te portas. É a flôr dos rapazes, pois não é? Não me queiras dar desgostos n'esta idade em que estou! Promettes á tua mamã não pensares mais no tal sujeito do violão?

LUIZA, (*como que arrependida d'um grande erro*). — Prometto, mamãsinha, prometto! Até lhe vou mandar pedir todas as cartas, e o meu retrato, e o meu cabello!... (*lagrimeja.*)

D. VIOLANTA, (*affagando-a*). — Então, minha Luiza, não vale chorar... o que lá vae lá vae! Aposto que o tal bregeiro não te namorava só a ti?!

LUIZA, (*depois de meditar um pouco*). — São todos assim! Vou-lhe mandar pedir tudo que me pertence... tudo!

D. VIOLANTA, (*a Carlos, que começou a encarar com Luiza*). — O sr. Carlinhos agora vai-se deitar. Hoje fica por caza, não é assim?

CARLOS. — Como a sr D. Violanta ordenar...

D. VIOLANTA. — Pois ficará em caza, e ámanhã vamos á «historia natural» E temos muito que ver em Lisboa. Demora-se muito ou pouco?

CARLOS. — Tenciono vir para aqui viver de todo.

(*D. Violanta cheia de satisfação por semelhante futuro leva-o carinhosamente até á porta do seu quarto!*)

* * *

O Carlinhos dorme ha uma boa meia hora. Meyrelles lê a carta que elle pessoalmente lhe trouxe do irmão, o tutor. D. Violanta desvenda a Luiza horisontes azues de felicidade e riqueza, bellos panoramas luxuosos, onde perpassam com ruidos discretos bellas carruagens, em cujas portinholas ainda se possa pôr talvez a phantasia delicada d'uma corôa de visconde.

MEYRELLES, (*pallido*). — E esta, heim? quem tal diria?

D. VIOLANTA, (*sobresaltada*). — Que é?! que e?!

MEYRELLES. — Então o rapaz não deu cabo da fortuna? Ora a minha vida! sempre me metto em bôas...! Ha quinze dias, na Nazareth, começou a entrar na batota e batota foi ella que se arruinou de todo... Está sem vintem! E quer meu irmão que eu o faça amanuense... amanuense! Pois não fôste! Uma figa!...

* * *

CARLOS, (*já a pé, a D. Violanta*). — De quem são estas malas? Vae alguem partir?

D. VIOLANTA, (*com sequidão*). — Ai! não me falle n'isso! É a minha Luiza que tem de partir immediatamente para Collares! (*a Luiza, áparte*) Olha, menina, assim que lá chegares manda ao correio ver se pódes apanhar a carta... Sempre foi uma asneira! Se *elle* a tiver já lido diz-lhe que foi para o arreliar um bocado... que era tudo chalaça!... Não te demores!

* * *

Meia hora depois.

CARLOS, (*a Meyrelles*). — E o meu negocio, sr. Meyrelles?

MEYRELLES, (*de esguelha*). — O que eu lhe digo sô Carlos, é que o melhor é o sôr marchar quanto antes para as Caldas. Aqui não ha furo nenhum!

D. VIOLANTA, (*á criada*). — Ó Maria! Vá buscar ao meu quarto *aquelle* sabonete e ponha lá sabão de amendoa... (*pensando*) Talvez ainda m'o aceitem... Sempre sou muito tôla! Logo vi á entrada que não era sujeito do meu agrado! Se até estive para lhe fechar a porta... delicadezas que nos saem caras!... (*indo ter com Carlos, seccamente*) Ainda aproveita o comboyo d'esta noute?

MEYRELLES, (*sentencioso, anediando a calva*). — Penso, sô Carlos, que é o mais prudente!

MARIANO PINA.

HORAS DE OCIO

Embrulhada historico-lexicologica

Encontrar o nome d'uma heroina portugueza que tenha quinze letras, e com ellas numeradas formar o nome de dez villas, pela fórma seguinte:

VILLAS

11, 3, 2, 9,
11. 5, 7, 9,
11, 15, 3, 9.
6, 9, 4, 15, 11,
1, 5, 10, 8, 11,
9, 11, 15, 2. 12, 6
15, 10, 11, 5, 3, 14, 9
9, 10, 11, 15, 7, 15
15, 2, 11, 9, 11, 15, 2
9, 10, 11, 5, 13, 2, 3, 11

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.

Metagramma (por syllabas)

Enigma anagrammatico:

Substitue a vogal,
conforme estão no alphabeto,
e logo matas as cinco
que és prespicaz e discreto.

A primeira, capital,
não é pena, mas cidade.
Muito bem cabe a segunda
a quem mostrar crueldade.

Se a mal pratico a terceira,
a segunda bem mereço.
Esta quarta é um encargo,
n'ella um direito conheço.

Se armado de lança ou dardo
em ti pratico a terceira,
se te escapares com vida,
não foges c'o a pelle inteira.

GANDAREZ.

Soluções dos problemas do n.º 42

Soneto para completar — Ao naufragio do vapor *Porto*.

Ferve o pégo em cachões! o fraco e o forte
Ante o golpe supremo igual, descóra,
Com medonho estridor ruge traidora
A onda nos parceis, na onda a morte.

Fatigado o baixel, perdido o norte,
Sente a vida fugir-lhe de hora em hora,
Debalde o mar, o céu e a praia implora,
Debalde a terra lhe lamenta a sorte.

Da vista e da memoria não se apaga
Esta lucta, horrorosa na anciedade
Do homem fragil contra o mar que o esmaga.

Recebei-os, Senhor! Senhor, piedade!
Cede o lenho afinal... rebenta a vaga,
Abre-se a um tempo o abysmo e a eternidade.

MENDES LEAL.

*

Enygma: Letra *O*

Fantasia arithmetica:

Duas moedas de oiro são vinte cruzados novos, não é verdade? Logo multiplicar duas moedas por duas moedas equivale a multiplicar vinte cruzados novos, por vinte cruzados novos. Qual é o resultado da multiplicação? Quatrocentos cruzados novos; quatrocentos cruzados novos são quarenta moedas.

Ahi está como se multiplicam duas moedas por duas moedas, sendo o producto quarenta moedas.

Soluções certas

Soneto a completar — Gandarez (Cantanhede), Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), B. M. (Vianna do Castello), Edipo, Téniers (Santarem), Carmelita.

Enigma — Gandarez (Cantanhede), Botão de Rosa (Evora), Manoel Antonio Coelho Zilhão, Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Carmo e Souza, Monge de Osseira (Pitões de Junias), Um estudante da Escola Academica.

Fantasia arithmetica — Gandarez, Manoel Antonio Coelho Zilhão, Vasco (Coimbra), Nadége (Coimbra), Carmelita, Dois Estouvados.

Nota — Da fantasia arithmetica só a solução de Vasco era rigorosamente certa, mas, como os outros seguiam o methodo verdadeiro, não quizemos eliminar os seus nomes.

SCIENCIA POPULARISADA

Exposição de Electricidade em Paris

VI

Luz electrica. — A secção consagrada á luz electrica, era uma das mais importantes da exposição. Tornava-se notavel não só pelo numero de apparelhos enviados de toda a parte, mas tambem, e principalmente, porque esses apparelhos funccionavam, e produziam todas as noutes a illuminação mais brilhante, de que ha memoria.

Vinha de molde e occasião para deixarmos correr a penna em louvor da luz electrica, e para entoarmos o *De profundis* ás companhias de gaz; mas o nosso dever é tratar a questão sob o ponto de vista scientifico, e as vantagens praticas, que formos apontando, fallarão mais alto do que os elogios, que pretendessemos escrever.

A luz electrica póde obter-se por meio do *arco voltaico* ou por *incandescencia*. Póde servir para a illuminação permanente ou para as producções de signaes. D'ahi a sua divisão em duas classes distinctas:

1.° A illuminação propriamente dita, e sua applicação á via publica, ás gares de caminhos de ferro, ás lojas, armazens, officinas, e aos usos domesticos, etc.

2.° As projecções luminosas, e suas applicações aos pharoes, á arte militar, á marinha e aos effeitos scenicos.

Em quasi todos os casos emprega-se o *arco voltaico*, e por isso, em conformidade com o systema, que adoptámos, cumpre dizer duas palavras sobre a sua descoberta e propriedades.

Em 1813, alguns annos depois da descoberta de Volta, um dos mais illustres sabios inglezes, que tinha por nome Humphrey Davy, fez uma experiencia memoravel que foi, porque assim dizemos, o germen da nova industria de que hoje nos occupamos.

Tomou duas hastes de carvão esbrazeadas, mergulhou-as em mercurio, e depois aparou-as fazendo-as terminar em ponta; pôz uma das hastes em communicação com o polo positivo d'uma pilha e a outra com o polo negativo. Feito isto, approximou as duas pontas uma da outra. Apenas se tocaram, manifestou-se um aquecimento consideravel, e uma luz bastante forte. Separando lentamente as pontas, a luz adquiriu extraordinaria intensidade, e produziu-se immediatamente entre os dois carvões uma chamma ligeiramente convexa de aspecto deslumbrante. Esta chamma, cujo brilho só póde ser comparado ao da luz solar, recebeu o nome de *arco electrico*, ou mais vulgarmente *arco voltaico*, porque foi obtida pela primeira vez com o auxilio da pilha de Volta, que já descrevemos minuciosamente.

O estudo profundo d'este phenomeno demonstrou que o arco voltaico resulta da incandescencia de particulas, que se destacam dos carvões, projectando-se em todos os sentidos. A projecção tem logar principalmente de um polo para outro, e em especial, do polo positivo para o negativo. Quando se produz o arco voltaico por meio de pilhas ou machinas de corrente continua, a ponta do carvão ligada ao polo positivo adquire uma temperatura excessiva, parte-se em cone truncado, e gasta-se duas vezes mais depressa do que a outra parte. Quando o arco voltaico se produz por meio de machinas de corrente alternadas, os dois carvões conservam geralmente uma forma conica, aquecem-se e gastam-se por egual.

Até 1844 as experiencias sobre o arco voltaico não tiveram resultado pratico, por isso que as pilhas ainda não estavam bastante aperfeiçoadas, e os carvões consumiam-se com extrema rapidez.

N'essa epoca Leão Foucalt, empregando a pilha de dois liquidos de Becquerel, aperfeiçoada por Bunsen, teve a ideia de substituir os carvões de madeira por hastes cortadas nos depositos de carboneo, que se formam nas paredes dos apparelhos de gaz. Obteve assim uma lampada electrica tão perfeita, que a sua luz podia ser vantajosamente aproveitada na photographia.

A luz electrica para se manifestar, exige o concurso de um gerador de electricidade (pilha ou machina magneto-electrica); de um queimador[1] (regulador, lampada ou vela); de carvões (agglomerados ou cortados nas paredes dos instrumentos de gaz); e de conductores metallicos, que ligam os geradores e os queimadores. Os carvões são algumas vezes substituidos por fios de platina; mas isto raras vezes acontece na illuminação industrial.

As machinas magneto-electrico empregadas como geradores (o emprego das pilhas é pouco frequente) são muito numerosas e variadas. A luz, que produzem, é tanto mais constante quanto mais uniforme fôr a sua velocidade, e quanto mais homogeneos, mais densos e mais puros forem os carvões.

Queimadores. Chamam-se commummente *queimadores* os apparelhos, em que estão os carvões luminosos. Ha tres especies: os *reguladores*, em que o arco voltaico é quasi constante em virtude de um machinismo especial; as *velas*, que são formadas por dois lapis parallelos ou obliquos; as *lampadas de incandescencia*, que em logar de empregarem o *arco voltaico*, aproveitam a propriedade, que tem alguns corpos de attingir uma temperatura elevadissima, quando atravessados por uma corrente poderosa.

(*Continua*)

[1] Os francezes chamam-lhe *brûleur*; não sabemos a denominação technica em portuguez.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 344)

XXVIII

Os invernantes apesar das exigencias do estomago, estavam enojados com aquella distribuição tão pouco convidativa para o appetite. Receiosos de passarem por mal educados, tiraram com os seus garfos, alguns pedaços de dentro da panella.

O tchuktcha offereceu-lhes então, sem receber em troca signaes de grande voracidade, um pedaço de figado cru, com toucinho tambem cru, e mostrou como se saboreavam aquelles deliciosos bocadinhos. Em seguida, a velha, com os dedos engilhados e negros, tirou as entranhas da phoca, que se alongavam, á medida que eram puxadas, e serviu a cada um dos convivas fragmentos de dois ou tres pés!

O sr. Lafleur acabou por acceitar; devorou com grande appetite a fita intestinal, e depois conseguiu mastigar o toucinho e beber sangue de phoca.

—Até que emfim! exclamou elle, depois d'esta façanha. Meus amigos, de hoje em diante não se apoquentem mais com a minha alimentação. Em quanto houver gelo e phocas anneladas—*Phoca hispida*—não lhes hei de fazer pezo, e cedo-lhes o quinhão que me pertencer de qualquer outra coisa.

Yermac, que deixara amontoar deante de si phoca cosida, figado cru, pedaços de toucinho, e entranhas, hesitava no partido que devia tomar. Não tinha provado da renna morta por Wab, e a sua alimentação já havia alguns dias que deixava muito a desejar em qualidade e quantidade! Tendo-lhe o indigena offerecido carne de phoca, decidiu-se a acceitar, e seguio os passos do sr. Lafleur.

O tchuktcha engulio bocados sobre bocados, comeu kilos e kilos, e depois de estar com o estomago cheio, estirou-se ao comprido na cabana,, entregando-se ao trabalho d'aquella enorme digestão.

No dia seguinte os indigenas, tendo provisões para algum tempo, retiraram-se sem ceremonia,, levando restos da phoca, e roubando um saquinho de pelle, muito bem feito, em que se guardavam os phosphoros. Os fugitivos breve se arrependeram da hospitalidade, que lhes dispensaram.

Comtudo o sr. Lafleur tirava proveito das lições que recebera. Um dia, depois de ter fisgado uma phoca, principiou a puxal-a para fora da toca. Ajoelhado sobre a neve, sentiu que lhe batiam no hombro com grande familiaridade, e julgou ser Ladislau. Acabou de tirar o harpeo cravado nas carnes do amphibio. Mas a mão cada vez lhe carregava mais no hombro. O parisiense voltou-se, e quasi morreu de susto ao ver um grande urso branco, que observára as phases da pesca, e sem vergonha reclamava o animal capturado. O urso, em vista da delicadeza do sr. Lafleur, que lhe cedeu o bocado, como é facil acreditar, lançou mão da phoca, e—sem agradecer—dirigiu-se para o seu covil. De então por deante o sr. Lafleur nunca mais foi á pesca sem levar a sua espingarda de caça.

O chefe de policia parece que tinha tomado o gosto á carne da phoca. Depois de ter acompanhado uma ou duas vezes o parisiense, pediu-lhe o harpeo e conseguiu pescar uma soberba phoca, cujas mantas de toucinho guardou cuidadosamente.

Foi um objecto de espanto para Yegor.

—Que pretenderá elle fazer com aquella provisão de toucinho? perguntou Semenoff ao sr. Lafleur,

—O que pretendia? Vendo que os yakutes não voltavam, cuidava seriamente em fugir, e preparava mantimentos para o caminho.

XXIX

Nadege e Ladislau tinham tanto nojo á carne de phoca—talvez por terem provado a cosinha dos indigenas—que o sr. Lafleur decidiu Yegor a irem caçar ursos brancos.

A fome era cruel na cabana dos fugitivos, quando Yegor e o seu amigo lançaram-se corajosamente um dia de manhã, sobre a superficie gelada do mar. O frio, intensissimo desde alguns dias, tornara-o o mais solido possivel.

Os caçadores andaram mais de uma legua por entre os montes de gelo esboroados que formavam os hummoks da praia. Eram acompanhados pelos dois cães siberianos. Wab tinha ficado na cabana para segurança de Nadege e Ladislau.

Chegaram deante de toroses largas e altas, vindas de muito longe—do oeste sem duvida — e provavelmente das costas da Groenlandia, de cujos immensos cumes, se destacavam incessantemente grandes montes de gelo, produzindo ruidos de trovão.

De repente, do alto de uma torose, Yegor viu, enterrado por enormes massas geladas, um navio de grandes dimensões. Deu um grito de espanto, e mostrou a sua descoberta ao sr. Lafleur.

Sobre aquelle mar condensado, esverdeado, com brancuras de neve imitando a escuma das ondas, destacava salientemente o casco do navio, negro, sombrio, com filetes brancos, que a neve collocava em relevo aqui e alli, como para fazer sobresair as côres do luto. Mas o tombadilho, os mastros, as vergas, os cabos cobertos de admiraveis crystaes de neve, de forma estrellada, brilhando á luz do sol, destruiam esta primeira impressão, substituindo-a pela comparação de um enorme barco de vidro.

A primeira ideia de Yegor e do sr. Lafleur foi retroceder para um ponto seguro, e d'ahi observar se tinham dentro do navio amigos ou inimigos. O navio não tinha velas nem bandeira; a fórma era dos navios de pesca, que affrontam os perigos da navegação nos mares polares. Os cães ladravam. O sr. Lafleur fel-os callar.

Ao cabo de meio minuto de attenção, o parisiense viu mexer-se a bordo uma creatura vestida de pelle; talvez a sentinella do navio os tivesse visto.

— Viram-nos! disse o sr. Lafleur.

— Espera, meu amigo, respondeu Yegor, que

olhára para os cães, cujo pello se herissava: e, a estas palavras, faz pontaria, e dispara sobre a supposta sentinella.

— Que faz, homem? exclamou o sr. Lafleur assustadissimo.

— Eu tinha a certeza de que não era gente! respondeu Yegor sorrindo. Soltemos os cães!

Sobre o navio movia-se um grande urso branco, espantado com o sibilar da bala.

— É um urso! exclamou o parisiense, — o primeiro que encontramos hoje.

Os dois cães já contorneavam o navio, ladrando furiosamente, conservando-se a distancia prudente.

— Mas o navio? disse Yegor. É talvez o navio phantasma das legendas.

— As legendas não teem curso forçado nas margens do Sena, observou o parisiense. Na minha opinião, aquelle enorme casco é simplesmente covil d'algum urso — algum navio abandonado pela tripulação,

— Talvez, disse Yegor; e n'esse caso, póde bem ser que encontremos lá cousa, que nos dispense de andar á caça.

— Quanto ao urso, está em terreno muito mais nosso do que d'elle.

— O menos que lhe podemos fazer, é pôl-o fóra, respondeu Yegor.

O urso tinha desapparecido. Sem duvida se refugiára no porão.

Os dois caçadores desceram a torose, e dirigiram-se para o navio sem delongas. Yegor reconheceu logo que era um baleieiro hollandez. Aproximaram-se... chamaram á falla... ninguem respondeu.

— Não ha viva alma a bordo! disse Yegor.

(*Continua*)

Narinare..... 1
Tarataba..... 1
Pararaca..... 1

Conceito

Só bem tocada
Se póde ouvir,
E em todo o caso
Bem afinada

Adivinha, meu leitor,
Adivinha, meu casmurro,
Hei-de um dia dar-te em premio
Uma caveira de burro.

O HOMEM QUE ESPIRRA

CORRESPONDENCIA

Eureka—A situação em que o nosso correspondente se encontra é de tal modo melindrosa que nos não authorisa realmente a tomarmos o tom alegre d'esta secção. Morreu-lhe seu pae, segundo nos diz, e a sua carta, largamente tarjada de luto, já nos tinha feito presentir que a pessoa que nos escrevia passára por alguma das grandes provações da existencia; mas emfim o seu luto já não é tão pesado, nem a sua dôr tão recente que lhe não permitta entregar-se ao honesto recreio da composição de uma charada, que não podemos deixar de communicar aos nossos leitores, porque é na verdade extremamente original:

Deus o conserve por muitos annos e bons, é o que nós lhe desejamos. Devemos dizer-lhe comtudo que não publicamos a sua charada nas *Horas de ocio*, porque este systema de charadas á D. Braz da Silveira não está ainda introduzido entre nós.

Cassia— Acha que a resposta á pergunta indiscreta de Gandarez seja Barreiro? Não imaginavamos. Porque? Porque alli ha dois partidos em perpetua opposição, *francezes* e *penicheiros*. Não sabiamos, e Gandarez provavelmente tambem não.

Frio! frio!

Typ. e lyth. Portugueza— Calçada do Tijolo 39 (é Rua Formosa)